

## TRANSFORMANDO-SE EM ZUMBI: A REPRESENTAÇÃO MONSTRUOSA DO USUÁRIO DE CRACK

Rodrigo Teixeira Pinto<sup>1</sup>

### RESUMO

Recentemente o crack passou a figurar com frequência em notícias de jornais impressos e televisivos, da mesma forma que nos últimos anos se multiplicaram campanhas para o combate ao uso da droga. O que se percebe é que, incitados pelo medo, diversas pessoas mobilizam sua atenção e recursos para o combate ao crack e seu uso, e que parte desse medo advém de notícias e campanhas alarmistas, como o caso analisado, o vídeo *Zombie – A Origem*, produzido pela Associação Parceria Contra as Drogas, o qual faz parte de uma campanha para o combate ao uso do crack. No vídeo, o usuário de crack é representado como zumbi, e a campanha que se propunha esclarecedora toma ares exagerados. Por essa razão, procura-se analisar como tal campanha acaba por mais criar medo do que esclarecer, da mesma forma que generaliza de diversas formas o usuário de crack como desviante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desvio. Medo. Guerra às drogas.

### ABSTRACT

Recently, the crack cocaine began to frequently appear in news, in the same way that multiplied in recent years campaigns to combat drug use. What is noticeable is that, spurred by fear, many people mobilize their attention and resources to the crack and its use, and part of that fear comes from alarmist news and campaigns, as the case analyzed, the video *Zombie - The Origin*, produced by Associação Parceria Contra as Drogas, which is part of a campaign to combat the use of crack. In this video the crack user is represented as a zombie, and the campaign which aimed to be illustrative takes exaggerated airs. For this reason, in this article, such video is analyzed to understand how the crack user is generalized, in many ways, as a deviant, and the way this campaign creates more fear than enlighten.

**KEYWORDS:** Deviance. Fear. War on drugs.

### INTRODUÇÃO

Eu tenho medo de abrir a porta  
Que dá pro sertão da minha solidão  
Apertar o botão: cidade morta  
Placa torta indicando a contramão  
Faca de ponta e meu punhal que corta  
E o fantasma escondido no porão

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, rodrigotp315@gmail.com

Eu tenho medo um Rio, um Porto Alegre, um Recife  
 Eu tenho medo Paraíba, medo Paranapá  
 Eu tenho medo Estrela do Norte, paixão, morte é certeza  
 Medo Fortaleza, medo Ceará  
 Medo, medo. Medo, medo, medo, medo  
 Eu tenho medo e já aconteceu  
 Eu tenho medo e inda está por vir  
 Morre o meu medo e isto não é segredo  
 Pequeno Mapa do Tempo – Belchior

Para além do sentido poético da letra de Belchior, a impressão que temos é que o medo se tornou algo cotidiano. A solidão se configura na sensação compartilhada de estar por conta própria em um mundo repleto de perigos. Medo de um Rio de Janeiro, de uma Porto Alegre de uma Recife; o cenário das metrópoles brasileiras atravessadas pelo espectro do medo da violência e que reverbera na experiência dos sujeitos no ambiente urbano.

Não dificilmente encontraremos pessoas que dirão que esse é o sentimento de viver em uma cidade grande no Brasil. O que pode chamar a atenção é que mesmo em cidades médias ou pequenas existe essa preocupação com a violência<sup>2</sup>. Neste artigo o interesse repousa sob a representação e produção de um medo específico, ligado à violência urbana, que parece ter abrangência desde as grandes cidades do Brasil até as pequenas. O que será tratado é a representação do crack e do usuário de crack, em especial sob a ótica do vídeo *Zombie – A Origem*<sup>3</sup>, produzido para uma campanha da Associação Parceria Contra as Drogas.

Sobre essa campanha, a abordagem da temática não é diferente de outras. A sensação que esta desperta é a de estar entrando diretamente em alguma história de terror; pessoas com corpos flagelados, aparentemente sem qualquer moralidade, identidade ou capacidade de agir por vontade própria. São essas imagens que fazem com que nos questionemos se tal abordagem condiz com a realidade, ou se em alguns momentos, senão em geral, o que de fato ocorre é a representação de forma alarmista dos usuários e consumo de crack, exatamente como Barry Glassner (2003) observa no contexto norte-americano dos anos 90 em relação à violência. Em tais situações, onde se veicula material como esse, o resultado, de certa forma

2 Em notícia do site da revista exame o secretário nacional de políticas sobre drogas, Vitore Maximiliano fala que “temos notado que o crack também é droga presente em pequenos e médios municípios”. Como será abordado adiante, veremos que o uso do crack está intimamente ligado com outros comportamentos desviantes, que podem ser geradores de violência. Fonte <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/estudo-mapeia-uso-de-crack-nos-645-municipios-de-sp>> Acesso em 27/06/2014.

3 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zaOB7hFcGkU>>.

evidente, é a produção de medo na sociedade, e de forma desproporcional.

Partindo da percepção de que há alguma disparidade entre a realidade envolvendo o crack e a forma como ele é, muitas vezes, representado, levantamos algumas perguntas sobre o assunto. Quais elementos vão formar esse monstro urbano, o viciado em crack/zumbi? De que forma(s) ele é rotulado enquanto *outsider*? Existe uma produção do medo em relação a esses sujeitos? Se existe essa produção do medo, ela condiz com a realidade?

Para problematizar essa realidade se faz uso de conceitos de Howard Becker, em especial o de *outsider*, e dos trabalhos de Doriam Borges e Barry Glassner, em relação ao medo.

### DO MEDO AO *OUTSIDER*

Antes de nos perguntarmos do que as pessoas costumam ter medo é importante traçar uma definição do que é o medo e em que situações ele pode se fazer presente. Para isso, Doriam Borges se faz muito útil ao apresentar a distinção entre emoção e sentimento, onde o primeiro compreende o segundo ao mesmo tempo em que contempla outra esfera, a das crenças e julgamentos (BORGES, 2011, p.55). Sendo assim, agrega tanto razão quanto emoção enquanto esferas que trabalham em conjunto.

Ainda que ambas atuem em conjunto, Borges pontua a importância de distinguir uma da outra. Enquanto a emoção se trata de uma reação física e psíquica produzida por algum estímulo, é na esfera cognitiva que se processam experiências que produzirão crenças, essas que muitas vezes serão o estímulo para determinada emoção (ibid, p.56). O que é importante ressaltar é que as crenças são “socialmente, culturalmente e historicamente construídas”, o que significa que elas não possuem necessariamente compromisso com a realidade (ibid, p.57). Ou seja, o que é assustador e desagradável em um contexto pode não ser em outro.

Nesse sentido, segundo Borges “o medo nada mais é do que um sinal de alerta diante do perigo, que pode ser real, imaginário ou potencial” e que “pode atingir pessoas individualmente ou até mesmo uma população, conforme a dinâmica social daquele povo” (ibid., p.58). Essa definição conceitual é importante para compreendermos melhor do que Barry Glassner trata em *Cultura do Medo*.

Glassner é bastante claro nos seus questionamentos:

Porque há tantos medos no ar, e tantos deles sem fundamento? Por que será que, apesar dos índices de criminalidade terem despencado [...] dois terços dos americanos acham que subiram? [...] O número de usuários de drogas havia caído pela metade em relação à década anterior [...] então por que a maioria dos adultos considera o uso de drogas como o maior perigo para a juventude americana. Por que será que nove entre dez acreditam que o problema relativo às drogas está fora de controle, e apenas um em cada seis acredita que o país está fazendo progressos? (GLASSNER, 2003, p.19)

Observando esse trecho de Glassner sob a ótica de Dorian Borges, é fácil entender por que existem medos infundados. Por outro lado, não é suficiente para explicar de onde surgem esses medos, e o porquê desses medos específicos e não outros. O autor também é claro em definir quem é o principal multiplicador desse pânico em torno da violência urbana. Para ele:

Toda análise da cultura do medo que ignora a ação da imprensa ficaria evidentemente incompleta. Entre as diversas instituições com mais culpa para criar e sustentar o pânico, a imprensa ocupa indiscutivelmente um dos primeiros lugares. (GLASSNER, 2003, p.33)

Os apontamentos do autor parecem se adequar ao contexto brasileiro, tanto para pensarmos o medo da violência de forma ampla, mas também em relação à droga crack em específico. Especialmente quando essa realidade é retratada pela mídia e em campanhas contra o uso do crack<sup>4</sup>. Para isso, neste artigo, analisa-se principalmente o material, disponível na internet, produzido para uma campanha específica contra o uso do crack, para verificar se existe esse mesmo descompasso entre realidade e o que é representado em relação ao crack.

O terceiro autor que se apresenta como chave para a presente análise é Howard Becker. Na sua famosa obra *Outsiders* o sociólogo norte-americano elabora uma definição de desvio que se distingue das definições estatísticas e médicas (BECKER, 2008, p. 18). Na visão do autor o que produz o desvio é a imposição de regras por determinado grupo, que ao serem violadas podem vir a rotular determinado indivíduo enquanto outsider (ibid., pp.21-22). É percebendo o desvio como uma relação social que Becker faz sua crítica àqueles que tornam o desvio em uma coisa a ser estudada em si (ibid., p.17) sendo assim, nas palavras do autor:

Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas ações como

4 Em alguns momentos podem estar associadas a mídia, impressa e televisiva, com campanhas contra o uso do crack. Como é o caso do Grupo RBS e da campanha Crack Nem Pensar.

“certas” e proibindo outras como “erradas”. Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como um outsider. Mas a pessoa assim rotulada pode ter uma opinião diferente sobre a questão. Pode não aceitar a regra pela qual está sendo julgada e pode não encarar aqueles que a julgam competentes ou legitimamente autorizados a fazê-lo. (ibid., p.15)

Essa definição se torna bastante útil para problematizar casos de usuários de drogas, pois além de perceber que o outsider pode ser aquele que viola uma lei, esse rótulo também se encaixa para aqueles que quebram tradições, ou que possuem comportamento considerado inadequado a partir de um padrão social normalizador, como homossexuais (ibid., pp.16-17).

De forma sucinta, ainda é possível pontuar outros elementos da obra do sociólogo. Primeiramente o conceito de carreira (ibid., p.35). É a partir das entrevistas feitas por Becker que o autor chega à conclusão que um usuário de droga não pode ser considerado como tal apenas por ter usado a substância uma vez, para isso o mesmo precisa passar por uma série de passos até chegar à situação de usuário, essa é a carreira desviante para Becker. Em segundo lugar se destaca os tipos de comportamento desviantes (ibid., p.31), principalmente nas situações em que o sujeito rotulado como *outsider* é falsamente acusado ou se trata de um desviante puro. Por último é importante observar as distinções que Becker faz uso entre traços de status principais e auxiliares (ibid., p.42) e status principal e subordinado (ibid., p.43).

## O MONSTRO

Ler Sérgio Buarque de Holanda, em *Visão do Paraíso*, descrever os relatos dos viajantes europeus do século XV sobre as mais diversas criaturas, tais como cinocéfalos, blêmias, ciápodas, pode nos fazer rir e pensar o quão fantástico era o pensamento e o mundo para aqueles homens. Mas talvez o que seja mais fantástico é que aqueles seres, inimagináveis para um morador de alguma metrópole brasileira do século XXI, saíram de cena para dar lugar para outros seres, nem tão fantásticos em sua fisiologia como aqueles, mas muito mais cotidianos e assustadores para esse mesmo brasileiro.

Embora passados alguns séculos desde aquelas viagens, as sociedades ocidentais seguem tendo seus monstros, com feições e características diferentes,

mas ainda presentes. O impressionante dessa vez é que nossos monstros fazem menos parte do desconhecido e mais parte da realidade da cidade moderna. O exemplo a seguir será bastante ilustrativo para observar esse fenômeno.

Trata-se de um vídeo, em formato de *teaser*, reproduzido em algumas salas de cinema da rede Cinemark do Brasil<sup>5</sup>. A primeira cena, uma âncora de telejornal dizendo “O caos se espalhou. Eles já são mais de dois milhões no Brasil”, em sequência uma nova imagem dando o nome da produção cinematográfica “*Zombie – The Origin*”. Aparentemente “mais do mesmo”, outro filme sobre zumbis. A surpresa vai surgir no vídeo completo, disponível no site *youtube*, quando uma voz feminina pergunta “você quer saber por que eu estou assim?” a resposta para a dúvida de quem assiste se dá na sequência “o crack deixa você focado só nele [...] milhões de pessoas estão fora de controle, por causa do crack”.

O que em princípio parecia ser mais um *trailer* de filme de terror era, na verdade, uma campanha contra o uso do crack. O vídeo é composto por diversos atores maquiados e vestidos a exemplo de filmes de zumbi, ou seja, pele pálida, roupas rasgadas, machucados de todos os tipos no corpo. São diversas cenas que se intercalam entre depoimentos interpretados pelos atores<sup>6</sup> e os “zumbis” em sua realidade (rastejando-se, ocupando locais escuros e fazendo uso de crack)

O que deveria ser uma analogia entre os possíveis danos, ao usuário e à sociedade, causados pelo uso do crack e os hábitos ficcionais dos zumbis, converte-se em uma representação exagerada, dado que o vídeo, segundo a descrição apresentada no site *youtube*, trata-se de:

Uma campanha educativa que traz inúmeras informações sobre o crack, desde as táticas utilizadas pelos traficantes para aliciar usuários de outras drogas ao crack, até os efeitos dessa droga e as consequências que causa na vida das pessoas e de seus familiares.

Essa breve descrição nos dá o panorama desse monstro moderno. Levando em consideração o início do primeiro depoimento “milhões de pessoas estão fora de controle, por causa do crack”, a droga parece criar vida e ter capacidade de agir por conta própria, podendo manipular pessoas. O que faz surgir o questionamento:

5 Segundo postagem feita no site Não Salvo, o qual consta como parceiro do projeto, o vídeo foi exibido inicialmente como sendo um trailer comum da primeira grande produção cinematográfica brasileira com a temática zumbi. Fonte <<http://www.naosalvo.com.br/zombie-a-origem-a-prova-de-que-a-epidemia-zumbi-ja-esta-acontecendo/#>> Acesso em 27/06/2014 8:46h.

6 Ao final do vídeo é alertado que se trata de depoimentos verídicos, embora eu não tenha conseguido encontrar a origem desses depoimentos.

quem é o verdadeiro monstro, o usuário ou a substância? Segundo Mary Del Priore (2000) a característica do monstro não é de nos mostrar o que não somos, mas sim o que poderíamos ser (DEL PRIORE, 2000, p.13), dessa forma o monstro é o usuário de crack, sem valores morais e alienado de suas vontades pelo uso do crack. Esse por sua vez guarda uma dimensão moral em relação ao seu uso, semelhante às narrativas ligadas aos monstros a partir do século XIV (ibid., p.36), quase como o fruto proibido do Éden, que ao ser consumido uma vez abre a caixa de Pandora.

Evidentemente a abordagem da campanha não guarda muita semelhança com as conclusões de Howard Becker (2009), que faz uso do conceito de carreira desviante. Nessa perspectiva, o que Becker observa é que a sociedade impõe diversas sanções para o sujeito desviante. Para efetivamente se tornar o usuário é necessário superar diversas barreiras, tais como ter acesso à droga, comprar a própria droga, evitar ou ignorar possíveis complicações causadas pelo status de usuário de droga. Se o sujeito desviante não conseguir superar essas barreiras, inevitavelmente, será no máximo um usuário esporádico, muito diferente do apresentado pela campanha.

“Tratar uma pessoa como se ela fosse em geral, e não em particular, desviante produz uma profecia auto-realizadora” (BECKER, 2009, p.44). É assim que aparecem todas as personagens de *Zombie – A Origem*, e que atuam o que Becker chama de traços de status principais e auxiliares. Nessa situação o traço de status principal, usuário de crack, traz consigo outras conotações negativas, traços de status auxiliares, as quais são apresentadas no vídeo como sendo, principalmente, imoralidade (gastar o dinheiro do lanche da filha e prostituição) e comportamento violento.

Considerando que não é dito no vídeo que os depoimentos interpretados são casos individuais, é possível inferir que se trata de uma generalização do usuário de crack, enquanto viciado, ladrão, prostituto e assassino em potencial. Nessa situação é possível perceber que existe uma rotulação enquanto *outsider* em que o usuário pode ser *falsamente acusado*, neste caso como ladrão e prostituto (ibid., p.32), enquanto, de acordo com a terminologia de Becker, só podemos ter a certeza de que o usuário pode ser considerado *desviante puro*<sup>7</sup> enquanto consumidor de crack.

7 Howard Becker distingue quatro tipos de comportamento desviante de acordo com (não) ser rotulado enquanto sujeito desviante e (não) ser infrator de alguma regra social. Dessa forma,



Isso se dá em decorrência, como mencionado acima, de que a partir de traços de status principal – usuário de crack – é possível deduzir traços de status auxiliares.

## PRODUZINDO MEDO

Para tornar mais claro como se dá a representação do usuário de crack no vídeo *Zombie – A Origem*, farei uso de imagens extraídas da página da produção, disponíveis na rede social virtual *facebook*.

Foram selecionadas quatro imagens retiradas do vídeo as quais consistem em *screenshots* em conjunto com falas dos personagens e frases de efeito que sintetizam a ideia que a campanha pretende veicular. Abaixo as imagens serão analisadas sob a ótica teórica debatida neste artigo.

FIGURAS 1 e 2



FONTE: *Zombie – A Origem*

Na primeira imagem já podemos observar a tônica da campanha, fica claro qual é a representação atribuída ao usuário de crack. Vista através da pele pálida, das moléstias sofridas pelo corpo e das marcas de sangue nas mãos e boca, tudo isso é decorrente das “pedrinhas de crack”. É uma mistura entre o assustador e o alarmismo. Se na primeira imagem fica claro o objetivo da campanha de atribuir características de um zumbi ao usuário de crack, nessa segunda emergem dois

“desviante puro” (BECKER, 2009, p.31) significa um sujeito que cometeu um desvio e é percebido dessa forma. Já indivíduos que são rotulados enquanto desviantes, ainda que não tenham cometido nenhum desvio são “falsamente acusados” (ibid., p.32) de acordo com a classificação de Becker.



novos elementos. O primeiro, ainda relacionado com a monstruosidade, está na frase “qualquer um de nós pode se tornar um zumbi”, onde se passa a ideia de que podemos facilmente perder nossa humanidade utilizando a substância proibida, e dessa forma nos tornar um deles. O segundo elemento está enunciado na frase “eu já tentei largar, mas não consegui”. Elemento recorrente ao longo do vídeo, o usuário de crack transforma-se em monstro, a exemplo de Dr. Jekyll que, virando Mr. Hyde, perde a capacidade de agir baseado em valores ou na razão. Perde sua vontade, em detrimento da substância crack, que como já mencionado anteriormente, se transforma quase em uma entidade consciente.

FIGURA 3



FONTE: Zombie – A Origem

A terceira imagem nos traz mais um componente da campanha que remete à temática dos monstros. Ao dizer que dentro dos usuários de crack há uma pessoa, fica bastante claro a visão dos idealizadores de que aquele que faz uso da substância perde sua humanidade. Mas o que mais se destaca é o tom amedrontador que vai se repetir na quarta imagem. Ao falar “existem dois milhões de usuários de crack no Brasil” se percebe a intenção de atrair a atenção do observador através do medo, fazendo com que o mesmo fique preocupado em relação à situação. Esse tom amedrontador se apresenta na quarta e última imagem quando a separação entre realidade e ficção parece desaparecer. O zumbi é real; o usuário de crack é o zumbi. A mensagem é clara e objetiva: assustar.

FIGURA 4



FONTE: Zombie – A Origem

## CONCLUSÃO

Ao tentar fazer uso de uma metáfora, entre zumbis e usuários de crack, para conscientizar jovens, a proposta se distorce a partir do momento em que não se é capaz de distinguir o que se coloca como real ou metafórico. A metáfora se materializa e o monstro deixa de ser imaginado para ser real. Assim se constitui esse monstro urbano, real, imoral, violento.

Para além da representação monstruosa do usuário de crack podemos dizer que o mesmo é rotulado enquanto *outsider* de diversas formas. Como descrito acima, o usuário de crack não só é visto como *outsider*, enquanto desviante puro pelo uso da droga, mas também *outsider* ao trazer junto consigo diversos traços de status auxiliares negativos, que faz com que os usuários de crack sejam vistos como, em geral, desviantes, ou seja, ladrão, assassino, prostituto.

Essas representações, expressas no vídeo *Zombie – A Origem*, possibilitam uma percepção alarmista da realidade em relação ao medo, exatamente como Glassner problematiza. Para além dos reais danos potenciais causados pelo uso do crack, como vício e deterioração da saúde, não é difícil perceber que na produção se faz uso do medo com o objetivo de afastar pessoas da droga. Ao dar ênfase ao pânico em detrimento dos fatos conhecidos, o resultado é o descompasso entre a realidade e o mostrado através da campanha. Isso traz consequências diretas na ação das pessoas e das políticas públicas (GLASSNER, 2003) quando tais

representações alarmistas têm grande abrangência, como essa campanha.

Para finalizar este trabalho se pontua que o vídeo *Zombie – A Origem* acaba por retratar a realidade de forma exagerada. O mesmo produz a crença em uma cidade perigosa, em que as ruas estão tomadas por usuários de crack. Crença que não precisa estar de acordo com a realidade para produzir medo (BORGES, 2011), mas que acaba por interferir na vida urbana. O objetivo de informar os jovens, nesse caso, pode tomar rumos negativos, como demonstra Glassner, em situações como essa se estimular a produção de políticas públicas desnecessárias, ou erradas. O que devemos fazer é encarar o problema real, sem distorção ou mistificação; precisa-se devolver a humanidade aos usuários de crack.

## REFERÊNCIAS

BECKER, H. **Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BORGES, D. **O medo do crime na cidade do Rio de Janeiro**: uma análise sob a perspectiva das crenças de perigo. Curitiba: Appris, 2011.

BRANDT, Ricardo. Estudo mapeia uso de crack nos 645 municípios de SP. **Exame**, São Paulo, 02 jun. 2014. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/estudo-mapeia-uso-de-crack-nos-645-municipios-de-sp> Acesso em: 27 jun. 2014.

DEL PRIORE, M. **Esquecidos por Deus**: monstros no mundo Europeu e Ibero-Americano (Séculos XVI-XVIII). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GLASSNER, B. **Cultura do Medo**: Por que tememos cada vez mais o que deveríamos temer cada vez menos. Brasília: Editora Francis, 2003.

ZOMBIE – A ORIGEM. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/zombieaorigem?fref=ts> Acesso em: 27 jun. 2014.

ZOMBIE – A ORIGEM. **Youtube**, 29 nov. 2013. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=zaOB7hFcGkU#t=281> Acesso em: 27 jun. 2014.

"ZOMBIE, A ORIGEM" a prova de que a epidemia zumbi já está acontecendo. **Não Salvo**, 29 de nov. 2013. Disponível em: <http://www.naosalvo.com.br/zombie-a-origem-a-prova-de-que-a-epidemia-zumbi-ja-esta-acontecendo/> Acesso em: 27 jun. 2014.